

A UTILIZAÇÃO DO TEMPO-ESPAÇO-MOBILIDADE SAGRADOS NA FESTA/PROCISSÃO AO NOSSO SENHOR DOS PASSOS EM SÃO CRISTOVÃO-SERGIPE

(THE USE OF TIME-SPACE-MOBILITY SACREDS IN THE PARTY/PROCESSION TO THE OUR 'SENHOR DOS PASSOS' IN "SÃO CRISTOVÃO CITY")

(EL USO DE LO TIEMPO-ESPACIO-MOVILIDAD SAGRADOS EN LA FIESTA/PROCESIÓN A NUESTRO SEÑOR DE PASOS EN SÃO CRISTOVÃO-SERGIPE)

RESUMO

O artigo aborda as comemorações ao Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão, em Sergipe, que tradicionalmente se transforma em um ponto de hierofania, analisando a Festa ao Nosso Senhor dos Passos focada no espaço/tempo/mobilidade especiais para os são cristovenses e peregrinos. A pesquisa qualitativa com aporte bibliográfico, documental e de campo, constante de observações *in loco* e entrevistas auxiliaram nas análises sobre esse universo religioso popular. Nesse âmbito, a “festa” é analisada com ênfase na reconfiguração da cidade em lugar sagrado, com seu deslocamento espaço-temporal para a dimensão do sofrimento de Cristo em seus últimos momentos, assim como dos peregrinos ao lugar sagrado.

Palavras-chave: Festa; Sagrado; Nosso Senhor dos Passos.

ABSTRACT

The article discusses the celebrations to Lord of Steps in the city of São Cristóvão, in Sergipe, which traditionally turns into a hierophany point, analyzing the Party to Our Lord the Steps focused on special space-temporomobility for são cristovenses and pilgrims. The qualitative research with bibliographic, documental and Field contribution, in situ observations and constant interviews assisted in the analysis of this popular religious universe. In this context, the "party" is analysed with emphasis on reconfiguration of the city in holy place, with its space-temporal displacement to the extent of the suffering of Christ in his last moments, as well as pilgrims to the sacred place.

Keywords: Party; Sacred; Our Lord of Stpes.

RESUMEM

El artículo discute las celebraciones al Señor dos Pasos en la localidad de São Cristóvão, en Sergipe, que tradicionalmente se convierte en una hierofanía, analizando la fiesta a Nuestro Señor los Pasos se centró en el espacio/tiempo/movilidad especiales para são cristovenses y peregrinos. La investigación cualitativa con contribución bibliográfica, documental y de campo, observaciones in situ y constantes entrevistas asistidos en el análisis de este universo religioso popular. En este contexto, se analiza la "fiesta" con énfasis en la reconfiguración de la ciudad en el lugar santo, con su desplazamiento espacio-temporal de la magnitud de los sufrimientos de Cristo en sus últimos momentos, así como los peregrinos al lugar sagrado.

Palabras clave: Fiesta; Sagrado; Nuestro Señor de los Pasos.

Ivan Rêgo Aragão

Mestre em Cultura e Turismo (UESC); Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura (NPGEO/UFS)
ivan_culturaeturismo@hotmail.com

Maria Augusta Mundim Vargas

Doutora em Geografia; Profa. Voluntária do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia (NPGEO); Coordenadora do grupo de pesquisa Sociedade e Cultura (NPGEO/UFS)
guta98@hotmail.com..br

INTRODUÇÃO

A Festa ao Nosso Senhor dos Passos ocorre no segundo final de semana após o carnaval, em média quinze dias antes da Semana Santa na cidade sergipana de São Cristóvão, distante 26 km da capital Aracaju. Durante dois dias no período da Quaresma, a cidade se transforma numa Jerusalém no Nordeste do Brasil, ao rememorar os passos do Calvário¹ do Cristo sofredor e, por esse motivo, trata-se de uma comemoração cuja tônica é a dor, o sofrimento e a angústia.

88

São Cristóvão é uma cidade de característica colonial, construída a feição das cidades ibéricas em dois níveis: cidade alta e baixa. A parte elevada era o local da aristocracia e do clero; a cidade baixa o lugar do comércio e do porto. Em texto enviado a UNESCO na ocasião da formulação do dossiê reivindicando o tombamento da Praça São Francisco a Patrimônio da Humanidade, Galvão Junior (2007, p. 4), justifica a singularidade do perímetro antigo da cidade ao mencionar que:

[...] a organização dos estados ibéricos tinha uma característica determinante para a colonização: o poder laico dos reis imbricava em suas cortes o poder divino. A religião provinha o poder real de valores imateriais, como forma de sustentação e auto-preservação. Por outro lado, os valores materiais eram distribuídos sobre bases milenares de ocupação territorial, em suas marchas, contramarchas de ocupações, guerras, domínios, etc.

São Cristóvão além de ter sido a primeira sede da Província de Sergipe del Rey (NUNES, 2007), por ter sido construída com o *status* de cidade, respectivamente posterior a Salvador, Rio de Janeiro e João Pessoa - antiga Nossa Senhora das Neves - é a quarta cidade mais antiga do Brasil.² É nesse ambiente eminentemente histórico que acontece a festa do Senhor dos Passos, onde as dimensões macro e micro espacial que compõe todo o perímetro urbano da cidade-sede, correspondem o núcleo antigo demarcado por três praças e ruas do entorno.

No centro encontram-se além do conjunto carmelita composto pela Igreja do Carmo Maior, Carmo Menor (atual igreja de Nosso Senhor dos Passos) e Convento Carmelita, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória, as praças Getúlio Vargas e São Francisco, largo do Carmo e ruas do circuito das procissões (Ilustração 1). É este espaço que se reveste sagrado e se manifesta singularmente durante os festejos ao Senhor dos Passos.

De fato, a paisagem e o pulsar cotidiano da cidade deslocam-se para o espaço e para tempo da Dor dos últimos momentos de Cristo, diferentemente dos afazeres ordinários do dia a dia. O espaço do centro antigo se constitui para os devotos, fiéis e romeiros um local sagrado. Espaço este, conectado a um tempo de restauração e renovação da fé que induz a mobilidade desses sujeitos ao saírem dos seus entornos habituais para o lugar sagrado ponto de hierofania.³ Nesse sentido, a cidade de São Cristóvão se “[...] revela como um ponto ‘fixo absoluto’, um Centro”, para onde

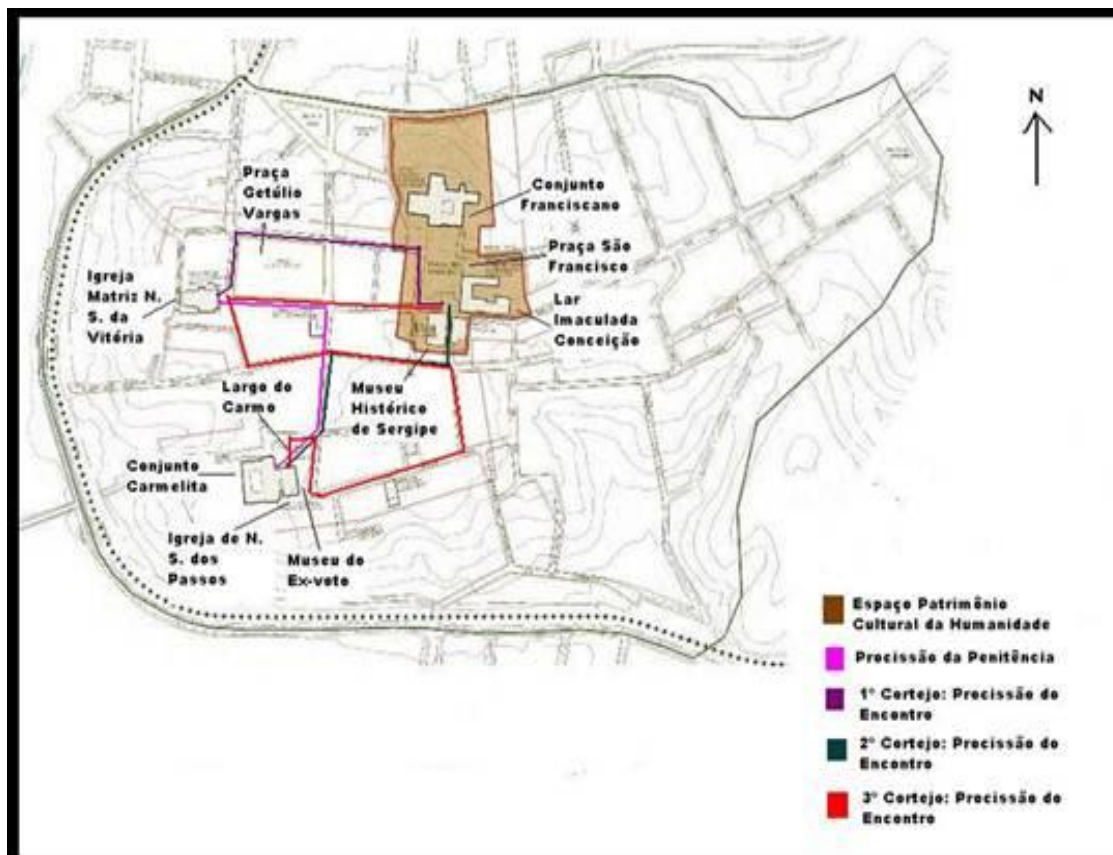
¹ Suplício, jornada dolorosa.

² São Cristóvão foi construída em 1590 para servir de entreposto comercial entre os dois maiores núcleos urbanos do Nordeste no século XVI: Salvador e Olinda.

³ Por hierofania entende-se meio pelo qual o sagrado se manifesta (ELIADE, 2008).

convergem indivíduos atraídos para o rito de devoção (ELIADE, 2008, p. 26)

Ilustração 1 – Planta Baixa do Circuito das Procissões no centro antigo de São Cristóvão/SE



Fonte: Documento-Base de Candidatura da Praça São Francisco à Patrimônio da Humanidade adaptado por Aragão (2011)

É nesse contexto que o presente artigo analisa a Festa ao Nosso Senhor dos Passos focando no espaço/tempo/mobilidade especiais para os são cristóvenses e peregrinos. A pesquisa qualitativa com aporte bibliográfico, documental e de campo, constante de observações *in loco* e entrevistas⁴ auxiliaram nas análises sobre esse universo religioso popular.

Entende-se aqui como festa, o conjunto de rituais – missas, procissões, novenas - de cunho religioso em que o espaço/tempo/mobilidade entram na dimensão sagrada, especial. A festa religiosa onde se vivencia uma “[...] multiplicidade de modos de organização de experiência humana em coletividade” (PEREZ, 2012, p. 122). Essas celebrações religiosas católicas de caráter devocional e culto público fazem parte da vida do brasileiro, sendo plausível falar em uma “cultura da festa” no país (AMARAL, 1998, 2000; MALUF, 2001; MONTES, 1998; PRIORE, 1994).

Inicialmente o texto traz a origem da festa e trata da hierofania nas celebrações ao Senhor dos Passos. Em seguida expõe analiticamente as relações estabelecidas entre espaço/tempo/mobilidade como elementos explicativos da tradição e que dão sentido à reprodução das celebrações.

⁴ As informações contidas nas entrevistas do presente artigo foram permitidas para divulgação pelos entrevistados através de documentação assinada de próprio punho.

A HIEROFANIA NA FESTA DO SENHOR DOS PASSOS: RITUAIS E SINGULARIDADES

De acordo com o Inventário de Bens Móveis e Integrados do IPHAN (Brasil, 2001) ⁵, os festejos ao Senhor dos Passos tiveram início no ano da transferência da capital de São Cristóvão para Aracaju, em 1855. O período dos primórdios do evento também é citado por Bittencourt Junior (2003, 2007), Santos e Nunes (2005) e Santos (2006) no final do século XIX. Somente nas primeiras décadas do século XX, a comemoração ao Cristo ao caminho da crucificação foi documentada sob a forma de análise e anuário.

A Prof^a. Verônica Nunes⁶ confirma a existência de narrativas sobre a Procissão ao longo do século XIX como compromisso da Ordem Terceira do Carmo por homens leigos que seguiam as normas Carmelitas.⁷ Porém observa-se que por quase todo o século XX, os carmelitas mantiveram-se afastados de São Cristóvão, até que no início do XXI, restabeleceram a ordem religiosa na cidade. Em entrevista, a Sr^a. Lúcia Pereira,⁸ informa que,

[...] a igreja da Ordem Terceira Carmelita e, portanto, do Senhor dos Passos esteve por setenta e nove anos sob o domínio do Senhor dos Passos [...] de 1924⁹ a 2003 o convento e a igreja estiveram coordenados por leigos terceiros membros da comunidade são cristovense.

A entrevistada, além de ser irmã leiga da Ordem Carmelita e pesquisadora de Antropologia da Religião, foi responsável pela nova diagramação das peças do Museu dos Ex-votos entre os anos de 2010 e 2012. Tendo o seu projeto denominado “Saltério de Madeira: salvaguarda dos signos de cura e de fé de São Cristóvão”, sido finalista nacional do Premio Rodrigo Melo Franco de Andrade/IPHAN no ano de 2011, na categoria pesquisa e inventário de acervos.

Quanto à propagação devocional e posterior realização da festa religiosa pode-se creditar à ocorrência de dois episódios, ambos relacionados ao imaginário coletivo local e a hierofania. O primeiro diz respeito ao achado singular da imagem do Senhor no rio Paramopama por um pescador¹⁰ e, o segundo, está ligado ao incêndio acidental que aconteceu na Igreja do Carmo Menor no século XX. Na ocasião, a imagem do Senhor dos Passos sofreu queimaduras na sua carnação¹¹ enchendo-se de bolhas como se fosse pele humana.

O achado da imagem no rio perpassa por algo que não é a descoberta de uma escultura tridimensional simplesmente, mas como indicação “[...] do sagrado e a

⁵ Além das informações do Iphan, considerou-se também o depoimento de Dona Maria José Paiva, que embora falecida há alguns anos deixou depoimento documentado no Inventário do Iphan em Sergipe. Ela foi uma das principais pessoas da comunidade que esteve envolvida por anos com a celebração da festa dos Passos e, portanto, uma importante fonte oral.

⁶ Professora e historiadora da Universidade Federal de Sergipe.

⁷ Entrevista concedida em 30/3/2011 na cidade de Aracaju.

⁸ Entrevista concedida em 23/11/2011 na cidade de Aracaju

⁹ Ano em que os frades carmelitas foram embora da cidade.

¹⁰ Não se sabe ao certo a data da descoberta da imagem. Serafim Sant’iago no seu Anuário sobre São Cristóvão (1920) relata que “ainda hoje ignoram: - a origem da tradicional devoção do Senhor dos Passos em S. Christóvão. Documento manuscrito do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (fl.19).

¹¹ Pintura que imita a pele humana. Em restauração de escultura policromada, a camada de pintura que reveste as partes não-cobertas da anatomia, simulando a cor e a textura da carne humana. O mesmo que o termo *encarnar*.

determinação de que o local da revelação não é como outro qualquer, mas sim, um espaço que deve se entender sagrado”. O segundo fenômeno, “embora de natureza físico-química, foi interpretado à luz do saber dos moradores da cidade, como algo de natureza sagrada [...]” (BITTENCOURT JÚNIOR, 2003, p. 2).

Em entrevista, a Prof^a. Aglaé Fontes,¹² menciona que, “[...] a Festa de Nosso Senhor dos Passos, é uma das mais representativas da religiosidade popular em Sergipe [...]”. Ela faz alusão à fé que se estabeleceu no Brasil com a colonização e, “[...] em São Cristóvão não foi diferente, mesmo por conta de uma herança religiosa muito presente com as igrejas espalhadas pelo centro antigo [...]”. A celebração do Senhor dos Passos é considerada a maior festa de penitência do Nordeste dentro do período quaresmal¹³ e atrai um grande número de devotos do nordeste brasileiro. Como salienta Oliveira (2013), é o momento em que comunidades sagradas criam fluxo para o ponto sagrado de devoção, quando o sagrado busca o sagrado.

A documentação aponta que a invocação ao Senhor dos Passos tomou uma conformação diferente na cidade. Normalmente celebrada por todo o país dentro da Semana Santa, a comemoração saócristovense passou pelo processo de deslocamento da data. Além de ocorrer no período da Quaresma que antecede a Semana Santa, ela possui data móvel, variando de acordo com a data da Quarta Feira de Cinzas.

Os festejos ao Nosso Senhor dos Passos evidenciam a exposição pública da fé, sendo uma festa eminentemente popular, ritualística e penitencial e cujo caráter emocional e sacrificial dos devotos está diretamente ligado às dores do Cristo e de sua mãe Maria. Segundo Fragata (2006, p. 23), a Festa ao Senhor dos Passos em São Cristóvão, “[...] é uma espécie de auto dramático, ambulante, barroco, com paradas denominadas ‘Passos’ ou estações da Via Crucis”. Durante dois dias, os cortejos percorrem ruas e largos do perímetro antigo da cidade representando os momentos finais da vida de Jesus a caminho da crucificação.¹⁴

No primeiro dia da Festa na noite de sábado e logo após a missa campal, é realizada a Procissão do Depósito (Ilustração 2) com cânticos ligados aos passos da Paixão. São paradas realizadas sempre em pontos estabelecidos e mantidos segundo a tradição. Nestes locais, são erguidos pequenos altares representando o Passo, entoado em latim pelos cantadores. O cortejo sai da Igreja do Carmo Menor pela Rua Pereira Lobo e dobra à esquerda até alcançar a Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória, na Praça Getúlio Vargas onde a imagem é recolhida. Nesse dia, a imagem de Nosso Senhor dos Passos é levada dentro de uma armação de madeira encoberta pelo encerro¹⁵ e, fica aí até o domingo à tarde, quando ocorre a Procissão do Encontro (ARAGÃO, 2012).

A Procissão do Encontro é o momento mais aguardado da Festa. É visível o registro de teatralização, emoção e fervor religioso, com pessoas batendo palmas e chorando no momento do encontro das imagens do Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores. Trata-se, portanto, do encontro de dois cortejos. O primeiro que conduz a imagem de Jesus carregando a cruz sai da Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória, passa pela Praça Getúlio Vargas, Rua Frei Santa Cecília até alcançar a Praça São Francisco. Nesse percurso são cantados três passos. O outro acompanha a imagem

¹² Pesquisadora da cultura popular e Secretária de Cultura e Turismo de São Cristóvão (gestão 2008-2012). Entrevista em 19/03/2001.

¹³ Informação compartilhada pelos moradores e visitantes durante a pesquisa de campo.

¹⁴ Esse é momento representa uma das sete dores de Maria, originando a invocação denominada Nossa Senhora das Dores. A Procissão do Encontro retrata a quarta dor de Maria.

¹⁵ Pano em tom de roxo que vela a imagem de Nosso Senhor dos Passos da visão externa dos fiéis.

de Nossa Senhora das Dores e sai da Igreja do Carmo Menor em direção ao mesmo local. A procissão passa pelas ruas Pereira Lobo, João Bebe Água e Leão Magno, até chegar a Praça São Francisco (ARAGÃO, 2012).

Figura 2 – Procissão do Depósito



Foto: Ivan Rêgo Aragão

Durante os percursos as imagens são aplaudidas e louvadas por milhares de fiéis. Reverências gestuais e expressões da fé revelam a hierofania. O encontro das imagens desponta como momento dramático e doloroso de identificação/veneração da fé em Deus. Pereira (2003, p. 91) se referencia em Mircea Eliade ao mencionar que “a imagem sagrada não é adorada como imagem, mas justamente porque é hierofania, ‘revela’ algo que já não é imagem, mas o sagrado”. Esse é o momento em que uma das tipologias do sagrado, a procissão, torna-se evidente no qual o fiel e o sagrado se deslocam de um local para outro (BRANDÃO, 2013).

Após o Sermão do Encontro realizado pelo Arcebispo de Aracaju, a Verônica¹⁶ sobe em um pequeno púlpito e canta o seu lamento. Ao finalizar o seu canto, a figura da mulher piedosa se posta entre as duas imagens para seguir em um terceiro cortejo fazendo outro percurso divergente dos anteriores, serpenteando pelas ruas do centro antigo da cidade. As imagens processionais seguem o trajeto pelas ruas Ivo do Prado, Praça Getúlio Vargas, Tobias Barreto, João Bebe Água, Leão Magno e Messias Prado. São cantados sete passos até que as imagens adentram, para recolhimento, a Igreja do Carmo Menor, onde é realizada uma missa campal de encerramento.

A força de atração/deslocamento/dispersão em São Cristóvão durante a Festa ao

¹⁶ Não há registro histórico de Santa Verônica e seu véu nos Evangelhos Canônicos, mas segundo reza a tradição, foi uma mulher piedosa que, comovida com o sofrimento de Jesus, deu-lhe seu véu para que ele pudesse limpar seu rosto ensanguentado.

Nosso Senhor dos Passos dá uma nova conformação à cidade. Essas movimentações durante a festa são traduzidas pelas ações dos agentes sociais e,

São práticas possuem itinerários devocionais, rituais e míticos mais ou menos estabelecidos no imaginário do devoto que constroem um tipo de peregrino “performer”, como a maneira de ver ou sentir o sagrado no espaço, em um tempo determinado, e onde as instituições religiosas apresentam uma organização que confere uma centralidade ao sagrado que se manifesta em um ponto fixo, material e simbólico da cidade, onde os caminhos individuais ou coletivos convergem,desenhando territorializações que se reconstroem através da experiência individual ou coletiva (CARBALLO, 2010, p. 125) – tradução do autor.

Ao percorrerem os itinerários ritualísticos para render louvores ao Senhor dos Passos, os devotos saem do seu espaço cotidiano/profano das tarefas diárias e adentram a dimensão do sagrado ao chegarem ao centro histórico da cidade e seguem as imagens, transformando-o conseqüentemente, em local sagrado. A peregrinação aos lugares de hierofania implica em “[...] uma demonstração de fé que adquire nítida espacialidade, pois envolve o deslocamento de um lugar a outro, deslocamento esse que, em muitos casos, é marcado por uma periodicidade regular” (ROSENDAHL, 2002, p, 11).

ESPAÇO, TEMPO E MOBILIDADE NA FESTA EM SÃO CRISTOVÃO

Desde os primórdios das civilizações o homem atribui uma sacralidade ao espaço como forma de organização do cosmos e da própria vida. Eliade (2008) menciona que, mesmo o mais dessacralizado dos espaços existe uma conotação sacra, pois é parte intrínseca na natureza do homem ser religioso e atribuir religiosidade aos espaços. Os geosímbolos manifestados no espaço são um sistema que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens legitimando sua existência de forma ordenada (GEERTZ, 1989). Dessa maneira, existe uma necessidade humana para o deslocamento a fim de vivenciar as emoções do encontro com o sagrado nos espaços. Tanto no âmbito material como de conformação simbólica (PEREIRA; GIL FILHO, 2012), os espaços de atração religiosa são construções humanas elaboradas para promover atos de fé e devoção.

Como informa Tuan (1983), esses espaços são transformados em lugares íntimos que adquirem definição e significado para o devoto-romeiro. Segundo Corrêa (2002) e D’abadia (2010), o espaço religioso de vivência humana é caracterizado pela valorização de crenças e marcado por afetividades tornando-se singular em decorrência das praticas sociais. Como produções culturais que definem o espaço sagrado e suas territorialidades, os santuários e festas são *locus* da experiência humana, onde imbricam relações de poder, transformação socioeconômica e produção cultural.

De acordo com Rosendahl (2002, p. 17), “a definição de um lugar como sagrado reflete a percepção do grupo envolvido e, uma vez que a percepção varia de grupo para grupo, dificilmente se pode generalizar sobre os princípios de lugar sagrado”. A necessidade de conotar sacralidade aos lugares se inscreve na ordem do mundo atribuindo um “ponto fixo” para esse espaço, como se observa na tradição dos festejos ao Senhor dos Passos, local ritualístico de atração para onde converge um grande

número de fiéis.

O homem religioso atribui aos espaços uma aura sacra para que ele possa ser habitado, portanto ele não é homogêneo. Para Eliade (2008, p. 25), “a experiência religiosa da não-homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma fundação do mundo”. Uma igreja, um templo, uma gruta inserem na ordem sacra quando são manifestadas histórias de milagres e de aparições santas, bem como lugar facilitador para o diálogo transcendente entre o homem e Deus.

94

Na análise dos espaços contata-se que, desde o surgimento dos aglomerados urbanos, estes se tornaram locais para manifestação da religiosidade produzindo nos cidadãos práticas comuns de culto e devoção. Segundo Rosendahl (1996) a religião sempre teve um papel importante no surgimento da cidade. Se no início das civilizações o culto e o rito era da ordem familiar, com o desenvolvimento das cidades, estes se tornaram espaços sociais para o convívio temporal da festa sacra pública. Dessa forma, o surgimento das cidades ocidentais está vinculado,

A apropriação de um excedente, por uma classe social que emerge, e que tem no aparecimento do Estado e na força da religião os elementos do controle efetivo, político, militar, institucional e ideológico, assegurando e justificando a dominação (ROSENDAHL, 1996, p. 43).

Pelo simbolismo que esses locais possuem, bem como pelo caráter sagrado atribuído ao espaço, podemos denominar esses lugares de hierópolis ou “cidades-santuário” (ROSENDAHL, 1996). E nesse contexto, o espaço sagrado e o profano estão sempre vinculados ao espaço social dos sítios urbanos. O afluxo das romarias e a permanência dos residentes no período das festas religiosas consubstanciam um conjunto de atos simbólicos no espaço urbano que não é sempre sagrado no seu dia a dia.

Na ambiência do centro histórico de São Cristóvão foi possível identificar três espaços de referência da festa: o Conjunto Carmelita, a Praça Getúlio Vargas e Praça São Francisco.

O Conjunto Carmelita com a igreja conventual e a igreja da ordem terceira do Carmo, a sala dos ex-votos e a casa do romeiro, são edificações que abrigam espaços ritualísticos identificados não somente pela liturgia católica, mas pelas ações e condutas dos fiéis. São nesses espaços mencionados onde se vive o sagrado na sua maior intensidade, porém são os locais onde o controle e a organização da Igreja são maiores.

Durante todo o dia, no sábado, observa-se grande fluxo de pessoas no Conjunto Carmelita e no Largo do Carmo. É possível visualizar a equipe de frades carmelitas na tarefa de assistência espiritual, mas igualmente, no controle da entrada e saída das pessoas nas igrejas, das filas para deixar os objetos de ex-votos no museu, bem como, da passagem embaixo da charola de Nossa Senhora das Dores e do Senhor dos Passos. Na análise de Rosendahl (1996) é nesse controle de pessoas e coisas que muitas vezes a religião se estrutura, criando os seus territórios.

A Praça Getúlio Vargas que abriga a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória é o espaço onde notadamente no domingo a relação sagrado/profano é mais intensa.

Dentro da igreja matriz o controle e a organização se fazem notar, porém no quadrilátero da praça, está presente um intenso comércio, com vendas de bebidas, comidas e uma variedade de produtos. Nesse mesmo lugar, encontram-se barracas com jogos de sorte/azar e parquinho de diversões para as crianças.

O terceiro espaço é a Praça São Francisco,¹⁷ local do desfecho da festa no Domingo à tarde, onde se transforma em cenário para a Procissão do Encontro (Ilustração 3). A intensidade da sacralidade dos espaços durante a Festa ao Senhor dos Passos é definida em muito pela Procissão do Depósito que desloca a imagem do Senhor dos Passos da igreja do Carmo Menor para a Matriz.

Figura 3 – Procissão do Encontro na Praça São Francisco



Foto: Ivan Rêgo Aragão

Nos dias da festa, a cidade como uma totalidade se dispõe segundo uma lei própria, a interagir as suas partes transformando em um espaço com movimento combinado (SANTOS, 1997). Através do comportamento que leva à comoção, ao ideal de imitação de sofrimento do Cristo, ao fervor religioso e ao gestual dos devotos. O centro histórico de São Cristóvão torna-se um espaço para manifestação pública de fé. O perímetro do centro antigo é *locus* para se demonstrar e renovar a crença do sagrado através de missas, rezas, cânticos, súplicas e penitências em pagamento de promessas.

São Cristóvão “desdobra-se” criando e recriando o espaço sagrado no centro antigo, proporcionando para além de seus limites a manutenção do cotidiano dos habitantes. Assim, nos finais de semana que ocorrem as celebrações constata-se a coexistência de “duas São Cristóvão”: a profana e a sagrada. Todavia, essas “duas cidades”,

¹⁷ Espaço do perímetro antigo da cidade que recebeu no dia 01 de agosto de 2010 o título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO.

[...] “do profano e do sagrado, não estariam em mundos à parte, mas sobrepostas [...] elas projetariam a imagem contraditória de um mundo que, por um lado, é regido pelo factual, o particular, o interesse e o arbitrário, mas que só faz sentido quando imaginado em termos de valores universais [...]” (FERNANDES, 1982, p. 85).

As festas, procissões e comemorações religiosas sempre foram marcadas por um tempo especial desassociado do tempo ordinário (COUTO, 2008), (ELIADE, 2008). Esse intervalo é demarcado pelo tempo perene em que a comemoração ocorre e delimitado pelo calendário anual estabelecido pela igreja local. O tempo sacro é o tempo adquirido pelo homem e a reatualização “periódica dos gestos divinos”, são “as festas religiosas que voltam a ensinar aos homens a sacralidade dos modelos” (ELIADE, 2008, p. 78). No cristianismo, o tempo histórico torna-se tempo sagrado ao vivenciar a encarnação de Deus-homem aqui na terra. Nesse ponto o autor anteriormente citado comenta que o cristianismo inaugurou um novo tempo: o tempo litúrgico baseado na historicidade de Jesus Cristo.

A relação espaço/tempo/mobilidade na festa católica torna-se de fundamental para a análise visto que, essas três categorias são responsáveis pela reconfiguração das cidades e locais sagrados. Para Rosendahl (1996, p. 45) “os peregrinos, enquanto agentes modeladores dos espaços nas cidades-santuário têm a importante tarefa simbólica de produzir e reproduzir o arranjo espacial urbano”. As romarias, peregrinações e promessas [...] “têm como fatores fundamentais o espaço e o tempo em que elas ocorrem: o tempo sagrado e o espaço sagrado nos santuários brasileiros (ROSENDAHL, 1996, p. 72).

O fluxo de pessoas para São Cristóvão implica em mobilidade e estabelece uma relação com o espaço. Os fiéis se deslocam usando carro próprio, moto e caminhões “pau de arara”. A grande maioria dos romeiros chega à cidade de ônibus e uma pequena parte a pé. Saem de suas cidades ou pontos de encontro na noite anterior ao início da Festa de Passos e percorrem as rodovias estaduais por toda a madrugada. São em sua maioria pagadores de promessas que adentram a cidade geralmente pela manhã, mas que mesmo exaustos, entoam cânticos e fazem reverências ao encontrarem às imagens.

O acerto de contas com o Senhor dos Passos tem início a partir do momento que o fiel se dirige a pé ao local onde encontra-se a imagem de devoção. Segundo Santos (2004, p. 26), “caminhar a pé grandes distâncias, isoladamente, em grupos ou romarias, fazendo-o naturalmente ou carregando pedra na cabeça, cruz nas costas, ou crucifixo e vela, é uma forma bastante usual de ex-voto” na forma de trajeto. Nesse tipo de motivação já está embutido o sacrifício como forma penitencial em agradecimento ou súplica para alcançar uma recompensa. A formatação de viagem de romaria já se subentende que é “um caminhar muitas vezes penoso, doloroso até, em condições voluntariamente precárias, por isso demorado, mas cheio de encantos [...] até a concretização da apresentação e presença do peregrino a um Santo [...]” (SANCHIS, 2006, p. 86).

Por meio da imitação, os homens ao rememorem o tempo da presença de Jesus Cristo aqui no plano terrestre acreditam participarem da dimensão sacra da temporalidade. Por todo o Mundo Cristão, as festas e procissões relacionadas à Semana Santa são muito populares, pois retratam o sofrimento pelo qual Jesus foi submetido. Segundo Eliade (2008), os devotos ao reviverem um tempo mítico do caminho do calvário de Cristo, promovem que a história se revele como uma nova dimensão da presença de Deus no mundo... Assim acontece em São Cristóvão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das categorias que se vinculam a festa do Senhor dos Passos, possibilitaram verificar que formas, funções e estruturas do espaço, tempo e mobilidade remetem a organização, processos na produção da festa e peregrinação para a imagem sacra. Imagem dotada de poderes milagrosos, segundo a percepção e experiência dos devotos. Sendo as esculturas milagreiras e detentoras do poder de cura, atraem promesseiros, fiéis e penitentes do estado e região Nordeste do Brasil que se deslocam em busca de uma graça. Rosendahl (1996, p. 27) menciona que a imagem quando é adorada a ela é depositada um sentimento religioso originado da revelação da sua hierofania. Dessa forma, “não se trata de uma veneração do objeto enquanto tal, e sim da adoração de algo sagrado que ele contém e que o distingue dos demais”.

Pela hierofania atribuída à invocação cristã a paisagem da cidade de São Cristóvão se transforma numa Jerusalém moderna durante os dois dias da festa do Senhor dos Passos. Trazendo para o século XXI, o perímetro do centro antigo de São Cristóvão anualmente se recria para tornar-se sagrado. O centro histórico da cidade, durante os dias de homenagem ao Senhor dos Passos, traduz a dimensão de espaço e tempo sagrado frente às atitudes, emoções e posturas das pessoas que se deslocam à cidade para realizar a devoção a Jesus sob esta invocação. O centro antigo transforma-se numa hierópolis.¹⁸

Como um sistema cultural de comunicação simbólica, os rituais ao Senhor dos Passos “expandem, iluminam e ressaltam a religiosidade dos participantes” (PERIANO, 2003, p. 10), isto é, confirmam as celebrações como fato socialmente relevante. As celebrações em rituais e a participação, seja ela contida em passos lentos ou em sacrifícios carregando cruzes, compõem a festa no sentido do encontro com o sagrado, que promovem e provêm força e eficácia existencial: “por mais evoluída ou por muito grosseira que a concebamos, a religião implica o reconhecimento desta força com a qual o homem deve contar” (CAILLOIS, 1988, p. 22).

A organização ritualística da festa, ao tempo em que disciplinam os cultos, atualiza anualmente, a tradição de um espaço sagrado. Se atendo ao pensamento de Eliade (2008) pode-se dizer que a cidade de São Cristóvão desponta como um centro para onde se deslocam fiéis-devotos, romeiros e penitentes atraídos para o rito de devoção nos espaços sagrados da festa. Nesse sentido, a antiga capital se refaz pelo ritual de fé ao Nosso Senhor dos Passos “centro, ponto fixo absoluto” !

Reafirmando as colocações de Eliade (1991), “[...] toda região habitada tem o que podemos chamar de um ‘Centro’, ou seja, um lugar sagrado por excelência. É nesse ‘Centro’ que o sagrado se manifesta [...]”. Esse conceito é também revisto por Fernandes (1982, p. 9), no sentido de que as romarias “[...] qualificam os espaços, atribuindo-lhes um centro, onde fica o Santo, e uma periferia onde vivem as pessoas que lhe rendem louvor”.

Todavia, a despeito da centralidade observada, a singularidade da festa, sua organização e disciplina dos rituais tradicionalmente repetidos permitiram identificar uma tipificação dos espaços em São Cristóvão: o Conjunto Carmelita, a Praça Getúlio Vargas e a Praça São Francisco, que em maior ou menor grau confirmam a não homogeneidade dos espaços, como enfatiza Eliade (2008).

Considerando que o espaço tratado se conforma pela Festa do Senhor dos Passos, a cidade de São Cristóvão renova-se na festa! E, como nos coloca Brandão

¹⁸ Cidade-santuário.

(1989, p. 8), “a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem” aqui expressa pelos sentidos aportados na reverência às dores de Nossa Senhora e de Jesus e no encontro com o sagrado feito e refeito desde 1855. Nesse momento especial de expressão de religiosidade o ato de peregrinar, acompanhar missas e procissões que se repetem, reforça a tradição das normas e condutas da igreja católica diante do sagrado.

Assim, o tempo, espaço e deslocamento sagrados reproduzidos pelos peregrinos reconfiguram a cidade de São Cristóvão e reafirmando-a, ano após ano, como lugar sagrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1998.

_____. **Sentidos da festa à brasileira**. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Rita_Amaral.htm>. Acesso em: 05 de outubro de 2000.

ARAGÃO, Ivan Rêgo. **“Vinde Todas as Pessoas e Vede a Minha Dor”**: a festa/procissão ao Nosso Senhor dos Passos em São Cristóvão-Sergipe. Dissertação (Cultura e Turismo). UESC, Ilhéus, 2012.

BRASIL. **Inventário nacional de bens móveis e integrados**: Sergipe e Alagoas, módulo 1, v. 4. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Vitae, 2001.

BITTENCOURT JÚNIOR, Antônio. Tese de mestrado estuda a procissão dos penitentes do Senhor dos Passos. In: **Balaio de Notícias**, edição 39, Aracaju, 2003. Disponível em: <<http://www.sergipe.com.br/balaiodenoticias/entrevistaj39.htm>>. Acesso em: 20 de abril de 2011.

_____. Penitentes do Senhor dos Passos, identidade e diversidade na religiosidade popular. In: **Encontro Nacional de História das Religiões / ANPUH**, Maringá, 2007. p. 1-9.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

_____. 45 anos de folia: revisitando festas e rituais populares em Goiás, São Paulo e Minas Gerais. In: **I Simpósio Internacional e II Nacional sobre Espacialidades e Temporalidades de Festas Populares**, Goiânia: UFG, 3 a 7 de setembro de 2013.

CALLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1988.

CARBALLO, Cristina Teresa. **Hierópolis como espacios en construcción**: las prácticas peregrinas em Argentina. In: ROSENDHAL, Z. Trilhas do sagrado. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. p. 113-144.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: E. de; GOMES, Paulo C. da C; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 15-47.

COUTO, Edilece Souza. Devoções, festas e ritos: algumas considerações. In: **Revista**

- Brasileira de História das Religiões.** Ano I, nº 1, 2008. p. 1-10.
- D'ABADIA, M^a. Idelma V. **Diversidade e identidade religiosa:** uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Múquem, Abadiânia e Trindade-GO. Tese (Doutorado em Geografia). Goiânia: UFG, 2010.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos:** ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros do Bom Jesus:** uma introdução as religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FRAGATA, Thiago. Procissão dos passos em São Cristóvão/SE. In: VIEIRA, M. J. G. **Senhor dos Passos em todos os passos.** Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2006. p. 21-25.
- GALVÃO JÚNIOR, José Leme. Análise da evolução morfológica do espaço urbano. In: **Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial.** Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-21. CD-ROM.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- MALUF, Márcia. O aspecto barroco das festas populares. In: **Revista Olhar**, ano 3, nº 5-6, 2001. p. 1-6.
- MONTES, Maria Lúcia. Entre o arcaico e o pós-moderno: heranças barrocas e a cultura da festa na construção da identidade brasileira. In: **Revista Sexta Feira**, São Paulo, nº 2, 1998. p. 1-13.
- NUNES, Maria Tétis. A cidade de São Cristóvão na formação da história sergipana: da Colônia a nossos dias. In: **Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial.** Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-16. CD-ROM
- OLIVEIRA, Christian Dennys M. de. Patrimônio religioso em irradiação: monumentos à mobilidade humana contra o monstro do esquecimento. In: **I Simpósio Internacional e II Nacional sobre Espacialidades e Temporalidades de Festas Populares**, Goiânia: UFG, 3 a 7 de setembro de 2013.
- PEREIRA, Clevisson J; GIL FILHO, Sylvio F. Geografia da religião e espaço sagrado: diferenças entre as noções de locus material e conformação simbólica. In: **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 6, n. 1. p. 35-50.
- PEREIRA, João Carlos. A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo. In: **Revista de Estudos da Religião.** São Paulo, PUC, nº 3, 2003, p. 67-98.
- PEREZ, Lea. Freitas. **Festa, religião e cidade:** corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2012.
- PERIANO, Mariza G. S. **Rituais ontem e hoje.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- PRIORE, Mary Del. **Festa e utopia no Brasil Colonial.** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião:** uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- _____. Geografia da religião: uma proposição temática. In: **GEOUSP Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 11, 2002, p. 9-19.

- SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. In: **Revista Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 8, n. 8, 2006, p. 85-97.
- SANT'IAGO, Serafim. **Anuario christovense ou cidade de São Cristóvão**. São Cristóvão: UFS, 2009. (Versão Impressa).
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus; NUNES, Verônica M^a. Meneses. Na Trilha dos Passos do Senhor: a devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão/Se. In: **Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão**. Aracaju, v. 2, jul/dez. 2005. p. 97-110.
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Caminhos da penitência: a solenidade do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão-Sergipe (1886-1920)**. Monografia (Licenciatura em História). São Cristóvão: UFS, 2006.
- _____. Pândega de promesseiros: sabores e penitência na festa de Passos em Sergipe novecentista. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá, v. III, n.9, 2011. p. 1-13.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, José Nascimento dos. **Museu do ex-voto de São Cristóvão: análise da exposição de longa duração**. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS. São Cristóvão, 2004.
- SILVA, Clodomir de Souza e. **Álbum de Sergipe**. Aracaju: 1920.
- TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de O. São Paulo: Difel, 1983.